



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**RENATA GONÇALVES DE ARAÚJO**

**A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS NO MOMENTO DA ACOLHIDA:  
INDAGAÇÕES E REFLEXÕES.**

**BELÉM-PA**

**2019**

RENATA GONÇALVES DE ARAÚJO

**A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS NO MOMENTO DA ACOLHIDA:  
INDAGAÇÕES E REFLEXÕES.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção do grau de licenciatura plena em pedagogia, Faculdade de Educação, Instituto de Ciência da Educação, Universidade Federal do Pará.

Orientador (a): Celi da Costa Silva Bahia

**Belém-PA**

**2019**

## RENATA GONÇALVES DE ARAÚJO

### A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS NO MOMENTO DA ACOLHIDA: INDAGAÇÕES E REFLEXÕES.

Trabalho de conclusão de curso orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Celi da Costa Silva Bahia apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Instituto de Ciência da Educação da Universidade Federal do Pará. Como requisito para obtenção do grau de licenciada plena em Pedagogia.

APROVADO EM: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

#### BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup>.Dr.<sup>a</sup>. Celi da Costa Silva Bahia  
Orientadora — UFPA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adelize Braga  
Examinador (a) - UFPA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliana Pojo  
Examinador (a) -

Belém-PA  
2019

Dedico este trabalho a minha família que me apoiou e sonhou os meus sonhos junto comigo, meu pai José, minha mãe Graciete e meu irmão Davi, a vocês toda a minha gratidão.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente quero agradecer a DEUS, por ter me dado o folego da vida, força, coragem, pra chegar até aqui. Obrigada Senhor por me guiar em cada decisão, em cada passo. Eu reconheço que se hoje eu estou nesta universidade foi porque DEUS permitiu, pois somente com as minhas forças não teria conseguido. Agradeço por tudo que tem feito em minha vida.

Agradeço a minha mãe Graciete Gonçalves por me acompanhar em todo o meu processo de formação acadêmica, por ser a primeira pessoa a acreditar em mim e apoiar as minhas decisões. Mãe, obrigada pelo seu amor, dedicação durante toda a minha vida e principalmente nesses intensos quatro anos. Sempre me ouvindo, comemorando as pequenas vitórias alcançadas a cada semestre, chorando e sorrindo junto comigo.

Ao meu pai José Teixeira por ensinar a lutar por tudo que eu possa desejar. Por me ensinar que através da educação eu alcançarei todos os meu objetivos, obrigada por me incentivar a estudar e dizer “que o mundo poderia me tirar tudo, menos o conhecimento”, entre essas e outras palavras que me fortaleceram durante os dias de dificuldade. Obrigada por me abençoar, por orar comigo, pelos seus conselhos e ensinamentos. Você é o meu maior exemplo de persistência, coragem e determinação. Ao meu irmão Davi Gonçalves que me ensina e resgata em mim todos dias a vontade de ensinar e de seguir a carreira na área de educação. Obrigada por ser o meu primeiro aluno.

Agradeço a minha orientadora Celi Bahia pelas orientações e paciência durante toda a construção desse trabalho. Suas orientações contribuíram significativamente para minha vida acadêmica/profissional. Ao rever e ler os primeiros textos produzidos para a construção desse trabalho, enxergo o quanto suas orientações me ajudaram.

Por fim quero agradecer a todas as pessoas que estiveram comigo durante esses quatro anos e fizeram parte dessa caminhada de forma direta ou indiretamente. Obrigada pela parceria, pela paciência, em especial a Adrielle, Ana lúcia, Dayane, Isabeli Cristina, Laís, Perla Sofia, também agradeço a toda turma 115, bem como a todos os professores que ministraram aula para essa turma a qual fiz parte.

## RESUMO

O presente trabalho intitulado como **A participação das crianças no momento da acolhida: indagações e reflexões**, tem por objetivo compreender o que significa a participação das crianças em creches e pré-escolas. De modo específico pretende analisar a participação das crianças ou não nesses espaços, especificamente na sala do maternal I, bem como verificar de que forma ocorre a participação das crianças nas situações de aprendizagem. Além disso, refletir sobre os limites e possibilidades de participação das crianças na sala do maternal I, no momento da acolhida. As ideias aqui desenvolvidas fundamentam-se em autores como AGOSTINHO (2010), MELO (2007), COUTINHO (2011), OLIVEIRA-FORMOSINHO (2011), ALFAGEME (2003). Metodologicamente o trabalho produzido a partir de uma abordagem do tipo qualitativa baseado em CHIZZOTI (2003), no qual o pesquisador aproxima e interage com os sujeitos da pesquisa, como metodologia utilizou-se THIOLENT (1947) e como técnica utilizou-se observação participante baseado em GIL (2008). Os principais resultados apontam que a participação das crianças nesses espaços tem sido negado e as decisões ainda estão centradas no adulto. Por fim ressalta-se a importância da escrita desse trabalho de conclusão de curso, onde caracterizou-se formativo, possibilitando assim, a compreensão e desmitificação primárias sobre a participação das crianças no momento da acolhida, bem como destacando a experiência e aprendizagens obtidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Criança. Participação. Acolhida.

## **ABSTRACT**

The present work titled How the participation of children now of welcoming : Inquiries and reflections, aims to understand what the participation of children in daycare centers and preschools means. In a specific way, it intends to analyze the participation of children or noting these spaces, specifically in the nursery I room, as well as to verify how the participation of children in learning situations occurs. In addition, reflecting on the limits and possibilities of participation of children in the nursery I room at the time of welcoming. The ideas developed here are based on authors such AGOSTINHO (2010), MELO (2007), COUTINHO (2011), OLIVEIRA-FORMOSINHO (2011), VASCONCELOS (2011) among others. Methodologically the work produced from the qualitative approach based on CHIZZOTI (2003), in which the researcher approaches and interacts with the research subjects, as methodology was used the action research based on THIOLENT (1947), and as a technique, the participant observation GIL (2008) was used. The main results indicate that the participation of children in these spaces has been denied and the decisions are still centered on the adult. Finally, we emphasize the importance of writing this work of conclusion of course, where it was characterized formative, thus enabling the primary understanding and demystification about the participation of children at the time of welcoming, as well as highlighting the Experience and Learnings obtained.

**KEYWORD** Child. Participation. Welcome.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	04
<b>Seção I</b>	
<b>1.0 A CRIANÇA COMO SUJEITO PARTICIPANTE</b> .....	<b>10</b>
1.1 A criança na instituição de educação infantil: possibilidade de participação.....	15
1.2 O Direito da criança à participação na instituição de Educação infantil.....	21
<b>Seção II</b>	
<b>2.0 METODOLOGIA</b> .....	<b>24</b>
2.1 Bases da pesquisa.....	24
2.2 Lócus da pesquisa.....	29
2.3 procedimento de coleta.....	32
2.4 Procedimento de análise.....	33
<b>Seção III</b>	
<b>3.0 A PARTICIPAÇÃO DA CRIANÇA NA TURMA DO MATERNAL I</b> .....	<b>33</b>
3.1 O espaço da (não) participação da criança na UEI RJ.....	34
3.2 A participação das crianças no momento da acolhida na turma do maternal I Um ensaio para o exercício da participação das crianças.....	37
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>43</b>
<b>REFERENCIAS</b> .....	<b>45</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado como **A participação das crianças no momento da acolhida: indagações e reflexões**, tem por objetivo compreender o que significa a participação da criança em creches e pré-escolas. De modo específico pretende analisar a participação das crianças ou não nesses espaços, bem como verificar de que forma ocorre a participação das crianças nas situações de aprendizagem. Além disso, refletir sobre os limites e possibilidades de participação das crianças na sala do maternal I, no momento da acolhida.

A escolha do presente tema, surge a partir da experiência vivenciada durante a disciplina estágio de educação infantil, no curso de pedagogia, na UFPA. Escrever essa monografia a partir da experiência de estágio colocou-se como um grande desafio. Desafio este que apresentou-se em reflexões contínuas sobre o presente tema. Esta abordagem sobre a participação da criança nos espaços de educação infantil, surge a partir de uma necessidade em compreender o que significa a criança participar nesses espaços. É de suma importância pensar sobre a participação das crianças em creches e pré escolas, porque enquanto pesquisa este contribui para estudos sobre a criança e a sua participação no âmbito educacional.

É imprescindível esta abordagem, porque no curso de pedagogia os estudantes são direcionados a formação de um profissional capaz de atuar em diversos espaços, um deles é a educação infantil. Hoje estudante, amanhã professora, à frente da educação de muitas crianças. Surge a preocupação em exercer uma prática onde a participação da criança esteja presente e que seja valorizada.

Muito mais do escrever um trabalho de conclusão de curso, para dar conta dos créditos necessários à conclusão do mesmo, escrevê-lo foi um processo de aprendizagens contínuas, em busca de compreender sobre como ocorre a participação das crianças, como elas participam nesses espaços e refletir sobre o papel que o professor exerce nesses espaços. A escrita desse trabalho revelou-se em um processo contínuo de desconstrução de velhas ideias para a reconstrução de outras acerca da participação das crianças.

Compreendendo a importância sobre este tema, buscou-se fundamentar teoricamente em autores como AGOSTINHO(2010), COUTINHO(2017),

MELO(2007), SARMENTO(2004), ALFAGEME(2003), VASCONCELOS(2011) dentre outros.

Partindo do pressuposto que a criança é um sujeito participante e este apresenta condições para participar, é imprescindível compreender a priori o que é participar e o que significa a participação da criança nesses espaços. De acordo com AGOSTINHO (2010) participar significa: informar, comunicar, anunciar. A criança participar, significa que esta tem capacidade de dizer, informar, expor o que pensa, o que sente. Compreender a criança como um ser participante, significa reconhecê-lo como um ser capaz de pensamento próprio, opiniões. Pois, este observa, sente, percebe o meio em que o cerca.

Ainda de acordo com a autora, os estudos realizados acerca da compreensão sobre a participação das crianças nesses espaços, revela que durante a história, a participação das crianças na educação infantil nem sempre se colocou como preocupação dos educadores em suas práticas docentes. Segundo KSHIMOTO (1992) apud AGOSTINHO (2010) a compreensão de criança como um ser participante, nem sempre esteve presente nas instituições de educação infantil. As concepções que norteavam a educação das crianças pequenas, estava baseada nos postulados de Durkheime, no qual a criança era vista como um adulto em miniatura.

Ainda de acordo com a autora a criança era vista como um ser inacabado, um ser humano que está em formação e por isso a criança não apresentava condições para participar. Diante dessa concepção, a criança é um ser que ainda não é, não é capaz de fazer escolhas, de pensamento próprio, de participar. A capacidade de participação estava relacionada a fase adulta. Concentrando o poder de decisão nas mãos dos adultos.

Porém, em decorrência de vários estudos acerca da criança emerge outras concepções, uma delas compreende a criança como sendo um sujeito, um ser sócio histórico cultural. De acordo com MELO (2007) Compreender a criança como ser sócio-histórico-cultural, significa dizer que esta cria e produz cultura, se constrói como ser humano a partir das relações que estabelecem com os outros seres humanos. Nessa discussão de compreender a criança como um sujeito sócio histórico cultural, significa dizer que a criança tem capacidade de participar.

Ao abordarmos sobre a capacidade de participação das crianças, segundo COUTINHO (2017) mostra que a criança desde muito pequena, é capaz de intervir nas relações que estabelecem com os adultos e também com os seus pares. Pois, esta é um ser que pensa, sente. Todavia, muito mais que ser capaz de participar, a criança tem a necessidade dessa participação.

Quanto à necessidade de participação, segundo SARMENTO (2004) a criança frente à essa necessidade em participar, lança mão de diferentes formas para dizer, expressar-se, comunicar-se. Principalmente quando o direito de participar, é negado. Assim, percebemos que as crianças com suas atitudes interferem no meio em que vivem. Ainda de acordo com o autor, não é somente os adultos que intervêm junto às crianças, mas as crianças também intervêm junto aos adultos, ou seja, ao mesmo tempo em que são influenciadas estas também influenciam no meio em que vivem.

Para ALFAGEME (2003) o desejo de participação das crianças revela que estas além de ouvir, também querem ser ouvidas. A escuta das crianças é um reconhecimento desta como um sujeito, um resgate de sua “própria dignidade humana”. É reconhecê-las como um outro, um sujeito capaz de participar. E mesmo, refletindo em suas características físicas como um ser pequeno (que é próprio da sua condição enquanto criança), esta é grande, rica em conhecimentos de tal modo a contribuir para a sua auto formação. Os adultos podem sim! Aprender com as crianças.

Diante do desejo revelado pelas crianças quanto a sua participação, o educador assumirá um papel fundamental nesse processo, onde este deverá proporcionar condições necessárias à essa participação. De acordo com AGOSTINHO (2003) as maiores possibilidades de participação ainda estão nos espaços de educação infantil. No qual, o educador deve criar em sua prática docente, condições necessárias a essa participação, de modo que seja significativo para as crianças.

É importante também refletir sobre a criança na instituição de educação infantil e as suas possibilidades de participação, que de acordo com VASCONCELOS (2011), OLIVEIRA-FORMOSINHO (2011) as creches e pré escolas são lugares onde ocorrem as maiores possibilidades, para as crianças vivenciarem as diversas experiências.

Além disso, também é necessário refletimos sobre o espaços físico de creches e pré- escolas, de modo a pensar em tornar estes espaços um lugar de possibilidades

a participação. Diante disso, se faz imprescindível refletirmos sobre esses espaços, que segundo AGOSTINHO (2003) desde a sua arquitetura, são espaços que carregam em si intencionalidades. Em suas construções estão imbuídas a ideia de criança e educação que se pretende instaurar. As concepções que se têm acerca da criança, revelam-se nos formatos das paredes, portas e janelas. De acordo com a autora, nessas construções predomina-se as linhas retas, salas divididas em séries, crianças separadas por idade. Seguido por um determinado modelo de educação, para as crianças.

Contudo, as pessoas que ocupam esses espaços são sujeitos que pensam, agem e modificam o ambiente que vivem. Mesmo que o espaço oferecido a elas, seja um lugar que reflete em sua arquitetura limitações, padronizações, estas pessoas enquanto sujeitos que são, tem a capacidade de modificar os espaços, através de sua criatividade e espontaneidade. O espaço físico não apresenta-se como limite para o seu fazer pedagógico. Porque as pessoas enquanto sujeitos sócio histórico cultural, modificam os espaços e a criança enquanto sujeito também o modifica.

Como é foco desta pesquisa também abordamos sobre a participação das crianças no momento da acolhida, é importante compreender sobre esse momento e como ocorre nesses espaços. De acordo como OLIVEIRA-FORMOSINHO (2011), GALARDINI (2017), a acolhida ocorre no início do ano letivo, bem como no cotidiano das instituições de educação infantil. Segundo os autores, acolher é sinônimo de receber a criança na sala, na instituição e para receber esta criança, para que esta se sinta acolhida, não basta apenas recebe-la com palavras de bom dia, bem vindo, mas se faz necessário apresentar-se um lugar acolhedor. Que para os autores, esse lugar acolhedor deve ser um lugar organizado, pensado para quem se destina acolher. De modo que a criança sinta-se bem, sinta-se acolhida.

Conseqüentemente é importante também abordar sobre o lugar que a criança tem ocupado nos espaços de educação infantil, no momento da acolhida e também sobre a sua participação. Que com base nos autores como AGOSTINHO (2010), COUTINHO (2017) revelam que estes espaços têm oportunizados poucas possibilidades de participação para as crianças. Isto tem ocorrido devido ao trabalho realizado com as crianças em creches e pré-escolas ser muito limitado.

Para os autores, as rotinas em creches e pré escolas são muito rígidas e definidas, não abre possibilidades para novas atividades, não abre espaço para a participação. Sendo assim o lugar que resta a essa criança é de apenas seguir e obedecer ao que lhe é determinado. Porém, as crianças enquanto sujeito, se colocará diante do processo. A criança frente a essa situação, se manifestará diante da negação de sua participação.

Ainda de acordo com AGOSTINHO (2010) a criança participar é um direito que lhe assiste enquanto cidadã. Portanto não é algo que o professor oferece as crianças, mas esse direito em participar tem que ser assegurado. Deve-se buscar caminhos para assegurar essa participação, seja através das práticas pedagógicas, seja pela organização do ambiente.

Haja vista que os espaços das instituições de educação infantil, são espaços de maiores possibilidades para que ocorra a participação das crianças. Pois, são nesses espaços que adultos e crianças se encontram todos os dias. Segundo COUTINHO (2017), AGOSTINHO (2003), as creches e pré-escolas abre-se uma gama de oportunidades sociais novas, que possibilita trocas de experiências entre educadores e crianças, entre crianças-crianças. Espaços ricos em aprendizagens, porque esse ambiente se difere do que as crianças têm em suas casas com as suas famílias. O desafio que se coloca atualmente é garantir, em creches e pré-escolas um espaço/lugar onde de fato se oportunizem e se efetivem a participação das crianças.

Diante dessas reflexões, o presente trabalho apresenta a seguinte estrutura: a introdução que apresenta as informações e como o presente trabalho está organizado, posteriormente a primeira seção traz a compreensão das indagações sobre a criança como sujeito participante, à luz da teoria.

Na segunda seção apresentamos a metodologia que descreve o trajeto utilizado para a elaboração deste trabalho. O qual, para responder os objetivos utilizou-se a abordagem qualitativa, no qual o pesquisador aproxima-se e interage com os sujeitos pesquisados. Como metodologia utilizou-se a pesquisa ação baseado em THIOULET (1947), como técnica a observação participante GIL (2008).

Após essa abordagem sobre a estrutura metodológica, apresenta-se o contexto em que a pesquisa foi realizada. O qual, foi concebido no contexto da disciplina estágio de educação infantil I e II. Em seguida apresenta-se o lócus da

pesquisa onde descreve com riqueza de detalhes o espaço onde se efetivou a observação, bem como o lugar onde também se desenvolveu a ação após essa observação, mediante ao projeto de intervenção elaborado pela estagiária/pesquisadora. Posteriormente apresenta-se os procedimento de análise, com o trajeto da pesquisa, tendo como finalidade a obtenção dos dados a serem analisados, no qual ocorreu mediante a reflexão e análise dos registros obtidos durante o período do estágio I e II.

Na terceira seção apresenta a reflexão através dos registros, no momento da acolhida na turma do maternal I. O qual se divide em dois momentos. O primeiro momento, traz a descrição de como ocorre o momento da acolhida, na sala do maternal I e posteriormente a reflexão desse primeiro momento.

Em seguida no segundo momento apresenta-se a descrição de como se reorganizou o momento da acolhida, mediante a intervenção da estagiária/pesquisadora através do projeto de intervenção, tendo este por objetivo a priori diversificar o momento da acolhida. Dentro dessa discussão haverá a reflexão sobre a participação das crianças apresentadas nos dois momentos. Reportando as situações vividas durante o estágio refletindo sobre os mesmos.

Por conseguinte apresenta-se as considerações finais, o qual destaca a importância da escrita desse trabalho de conclusão de curso, bem como a importância do estágio, ressaltando a significância e as aprendizagens obtidas com essa pesquisa.

## Seção I

### 1.0A Criança como sujeito participante.

A discussão sobre a compressão da criança como sujeito participante nos espaços de educação infantil é pertinente quando se trata de educação de crianças pequenas. Contudo, a compreensão de participação é muito ampla, porque esta pode se desenvolver e ser construída em diversos espaços e contextos. Seja na família, na universidade, nas escolas, ela também está presente nos espaços de educação infantil. Com base nisso, buscou-se na literatura e autores compreender o que significa a criança participar nesses espaços.

Segundo AGOSTINHO (2010) participar, significa fazer saber, informar, comunicar, anunciar, associar-se pelo pensamento, pelo compartilhar, solidarizar-se. Sendo assim, a participação não é algo a ser dado aos sujeitos, mas esta é construída entre seus pares. A partir das relações que estabelecem. É compreender que os sujeitos que vivem nesses espaços (adultos e crianças) constroem as diversas formas de participação. É compreender que participação não é algo a ser oferecido ou dado a alguém, mas é construída através das relações que os sujeitos estabelecem uns com os outros.

Neste sentido, segundo AGOSTINHO (2010) a participação envolve interação, negociação, compartilhamento de ideias, opiniões, sentimentos. Esse processo ocorre através das relações entre os envolvidos. Entender a criança como sujeito participante é reconhecê-la como um ser capaz de contribuir nas decisões que se referem a elas mesmas, que estas podem somar nas decisões juntamente com os adultos.

Porém, a compreensão de participação das crianças nas práticas pedagógicas, nem sempre esteve presente nas instituições de educação infantil. Para refletir sobre a participação da criança nesses espaços, é necessário abordarmos sobre as concepções de criança que estiveram presentes e permearam nesses espaços. De acordo com (KISHIMOTO 1992 apud AGOSTINHO 2010, P.109) essas concepções eram baseadas nos postulados de Durkheim onde compreendia a criança "... como um adulto em miniatura, revelando uma visão negativa... A criança é um ser inacabado, sem nada específico e original, sem valor positivo...". Assim, esta é um ser

em formação e, se encontra na situação de um “sujeito em espera”, ou seja, é um ser humano que um dia terá voz, opinião, irá ser capaz de participar das decisões.

Vista como um sujeito inacabado, a criança é o ser que ainda não é, esta não é capaz de pensar, de fazer escolhas. Diante disso, compreende-se que esta não apresentava condições de participação nesses espaços. Porque participar implica em saber fazer, anunciar, informar.

Diante da concepção que enxerga a criança como um mini adulto, a criança é compreendida como um “ser do futuro”, conseqüentemente a infância apresenta-se nesse caso como uma etapa de preparação. Para que assim a criança um dia torne-se um ser com capacidade para participar no meio social. Sendo assim, a infância perde todo o seu valor durante a vida do sujeito, uma vez que essa era vista como um momento de preparação, esta não era valorizada, entretanto ressalta-se que a infância carrega características próprias, esta deve ser vivida em sua plenitude, pois é uma etapa da vida tão importante como as demais etapas.

De acordo com AGOSTINHO (2010, p.08) “a criança é vista como objeto e a educação concebida como a ação exercida pelas gerações adultas, sobre as crianças”. Sendo assim, a educação oferecida a essas crianças estava centrada no adulto. Portanto, o direito de participação dessas crianças era vetado. Pois, esta era vista como um sujeito desprovido de razão, cabendo somente aos adultos a tomada das decisões.

O adulto é colocado como o centro no processo de aprendizagem das crianças, revelando-se uma educação adultocêntrica. Haja vista, nesse modelo de educação, a participação das crianças não são valorizadas e por isso sua visibilidade irá ser cada vez menor. A criança vista como um adulto em miniatura não tinha direito a participação. Pois, era desprovida da capacidade de pensamento racional, pensamento próprio. Sendo assim, é um ser incapaz de fazer escolhas, de participar.

No processo educacional, nas relações entre o educador e educando, as crianças deveriam somente obedecer o que os adultos determinavam sem questionar. Contudo, no decorrer da história, outras concepções acerca da criança fizeram-se presente. O surgimento de novos estudos acerca da criança, trouxeram consigo outras concepções. Uma delas, pauta-se na concepção de criança como um sujeito histórico cultural.

Compreender a criança como um sujeito sócio histórico cultural é entender que ela é considerada um ser social, porque ela se constroem como ser humano a partir das relações que estabelecem com os outros seres humanos; é considerada histórica porque esta criança nasce em um tempo e lugar, onde os acontecimentos desse tempo influenciam e são influenciados no processo de seu desenvolvimento; é cultural porque esta quando nasce é imersa em uma cultura existente e em determinado lugar. Esta cultura em que é imersa, foi produzida pela sociedade que a antecedeu e a criança apropria-se da cultura existente. Esta cultura está pré-estabelecida antes mesmo de seu nascimento.

Como um ser sócio histórico-cultural, a criança é um ser que cria e produz cultura, através das relações que estabelecem um com os outros. De acordo com MELO (2007) cada criança aprende a ser um humano, ou seja, ela não nasce mas se torna humano por meio das relações que estabelecem. Isso significa dizer que a natureza lhe provê no nascimento somente as condições necessárias para viver, no entanto esta não basta para mover seu desenvolvimento.

É necessário o indivíduo estabelecer as relações e interações com outros seres humanos. É preciso apropriar-se da experiência humana criada e acumulada ao longo da história da sociedade. (Leontiev,1978 apud MELO,2005, P.88). Compreender a criança como um ser sócio histórico cultural, significa que esta é um ser capaz de participar, de dizer, anunciar. De acordo com essa compreensão a criança é um ser capaz de explorar os espaços e os objetos que se encontra em sua volta, porque esta vista enquanto sujeito tem capacidades de participação.

Essas crianças reais, tem pleno potencial em participar, pois estas tem condições em dizer, informar, comunicar e sentir. Elas são capazes de participar, porque, enquanto sujeito sócio Histórico cultural nos permite compreender que esta aprende desde quando nasce. Mesmo antes de frequentar os espaços de creches e pré-escolas, a criança é capaz de estabelecer relações com o mundo que a cerca (Melo,2017, P.89). Nesta perspectiva a criança é desde muito pequena capaz de explorar os espaços e os objetos que encontra ao seu redor, é capaz de estabelecer relações com as pessoas, de elaborar explicações sobre os fatos e fenômenos que vivencia (MELO,2005, p.90). Portanto, esta criança é um ser que pensa, sente, sabe o que quer.

Desde muito pequena a criança é capaz de intervir nas relações sociais que estabelecem com os adultos, no cotidiano, nas interações com outras crianças. A luz

de COUTINHO (2017) “não só os adultos orientam as ações sociais das crianças, mas elas próprias em suas redes de relação mobiliza as ações umas das outras.” (P.39) As crianças para se apropriar da cultura humana, necessitam estabelecer relações, interações com os adultos e também com os seus pares.

De acordo com Sarmiento (2004) “não são apenas os adultos que intervêm junto as crianças, mas as crianças também intervêm junto aos adultos.” (P.21). Diante disso, implica em reconhecer as crianças como sujeito que ao mesmo tempo em que é influenciado também influencia. As crianças não são sujeitos a serem introduzidos na sociedade pelos adultos, mas são atores sociais, que na relação com os adultos, com os seus pares compartilham e criam cultura. (COUTINHO,2017, P.39). Pois, a criança apropria-se da cultura humana, tornam-se seres humanos.

Além das crianças terem essa capacidade, estas também tem necessidade em participar. Mediante a essa necessidade que a criança tem em participar ativamente no meio social em que vive, esta busca diversas maneiras para revelar o seu desejo de participação.

Seja na família, bem como nos espaços de educação infantil é preciso está aberto para perceber as manifestações das crianças. E também ter a sensibilidade para perceber as diferentes formas que as crianças lançam mão para se comunicar, anunciar, dizer. Sob um olhar sensível tornam-se perceptível as diversas formas que as crianças buscam para manifestar essa necessidade de participar. Nos espaços de creches e pré escolas, a criança quando não tem o seu desejo de participação atendido, manifestam-se através da ação, que muitas vezes interfere inclusive na organização do trabalho do educador.

Uma vez que a criança perceba que a sua participação não está efetivando-se, que ela está sendo “ignorada”, esta enquanto sujeito que é, não se conformará, mas manifestara-se diante dessa situação. Se colocará nesse processo, seja infringindo as regras, desviando a atenção, seja pelo choro. Esta criança tentará buscar meios em dizer e expressar a sua insatisfação.

De acordo com ALFAGEME (2003) para a criança o ato de participar é um fator de reconhecimento da própria dignidade e, é um firmamento da consciência de igualdade. O desejo das crianças em participar ativamente nos processos de decisões, também nos faz compreender que estas querem ouvir e também ser ouvida. Neste sentido ALFAGEME (2003), diz que “la escucha es un acto próprio del ser humano pues sugere reconocer al outro como outro, igual y diferente a mi y, por ser

igual, portador de los mismos derechos que yoy, por diferente fuente de novedad, enriquecedora e mí y vice versa”. (P.38).

O reconhecimento desse outro como outro, é também realizado no ato de ouvir. É respeitar o momento de cada um, as diferenças, os conhecimentos, que podem ser comuns aos meus e também podem ser diferente. Uma vez que se diferem tornam-se para mim “fonte de novidade”, oportuniza novas aprendizagens, que são “enriquecedoras”, para a minha construção enquanto sujeito.

A criança tem o desejo de ser ouvida, estas tem o desejo de participarem dizer, anunciar. É importante reconhecer as crianças como atores sociais ativos na sociedade. Compreender que a criança tem capacidade de contribuir nas decisões que se referem a elas mesmas é revelar que aquilo que é dito, expressado pela criança tem valor.

Diante da percepção da necessidade que a criança apresenta em participar, o educador também deve criar condições para que ocorra a participação. Baseados em uma concepção que compreende a criança como um ser sócio-histórico-cultural, é necessário pensar em uma pedagogia que valorize a criança e abre espaço para a sua participação. As práticas de participação que envolve adultos e crianças, crianças-crianças e compreende que nesse processo cada um contribui com as suas experiências e juntos constroem uma nova aprendizagem.

Essa construção coletiva de trocas de conhecimentos, torna-se possível quando o educador que está à frente desse trabalho enxerga a criança como um ser competente “que participa com liberdade, agência, inteligência e sensibilidade” (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2011, P.100). Ainda de acordo com OLIVEIRA-FORMOSINHO (2011. P.104) quando utiliza-se de uma pedagogia participativa<sup>1</sup>, o educador proporciona um espaço/lugar onde os conhecimentos, saberes, experiência que o adulto possui entra em diálogo com o da criança. Assim possibilita a criança adquirir nos conhecimentos através das interações com os adultos, constroem saberes, criar e dar significado a suas ações.

---

<sup>1</sup>De acordo com OLIVEIRA-FORMISINHO (2001) As pedagogias participativas promovem uma outra visão no processo de ensino-aprendizagem, o(s) ofício(s) de aluno e professor. Os objetivos das pedagogias participativas, são as de envolvimento na experiência e a construção da aprendizagem, na experiência contínua e interativa.

O momento onde há trocas de experiências é também muito rico para o educador, porque durante o processo em que há a interação desse educado com a criança, à medida que ensina este também aprende. O que ocorre uma aprendizagem mútua entre o professor e as crianças.

A participação das crianças está passando por mudança na sociedade contemporânea, em virtude da compreensão de quem é a criança e o reconhecimento do seu potencial de participar. O reconhecimento das crianças como atores sociais ativos na sociedade, tem possibilitado essas mudanças. Estas são sujeitos que pensam, modificam o meio em que vivem, são seres que compreende o acontece ao seu redor e são capazes de intervir neles, com suas ações próprias de ser crianças. Para isso, cabe aos adultos a buscarem estratégias que assegurem essa participação em suas diferentes formas.

Esse é o grande desafio que está colocado para os profissionais que atuam nos espaços de educação infantil. A superação das relações hierarquizada, que coloca a criança, em uma condição de somente obedecer. É desconstruir a ideia de que a criança é um sujeito passivo, que somente absorve o que acontece o seu redor. “As crianças são consideradas atores sociais, que contribuem para a produção e reprodução da infância e da sociedade, na interação e negociação com os adultos e na produção criativa da cultura de pares.” (AGOSTINHO,2010, P.12).

O rompimento dessas relações hierarquizada, vão permitir a participação das crianças. Este rompimento passam necessariamente pela compreensão de que a criança não é um objeto na mão do adulto. Isso implica dizer que o adulto não é portavoz da criança, mas ela sabe expressar o que quer, o que sente, ou seja, ela tem potencial para fazer as suas escolhas. Pois, ela pensa, tem opinião, tem capacidade de manifestar seus pensamentos e ideias, mas de um jeito que lhe é próprio.

### **1.1 A criança na instituição de educação infantil: possibilidade de participação.**

O lugar onde se encontram as maiores possibilidades em efetivar a participação das crianças ainda estão nos espaços da educação infantil. As creches e pré-escolas são lugares em que as crianças encontram as maiores possibilidades

de ter diversas experiências, de modo a contribuir significativamente no seu próprio processo formativo, através das relações estabelecidas entre as próprias crianças, e também entre as crianças e adultos. Para VASCONCELOS (2011)

Considera-se que as crianças são atores sociais competentes em seu próprio processo formativo, que produzem e reproduzem cultura nos diferentes âmbitos sociais que convive. Nesta direção, toma-se como pressuposto que o espaço da educação infantil deva garantir às crianças os seus direitos plenos possibilitando seu desenvolvimento nas múltiplas dimensões: afetivo, social, psicológico, biológico, suas formas de expressão e cultura. (VASCONCELOS, 2011, P.3)

Esses espaços exercem o papel fundamental em ser um lugar onde as crianças encontre as possibilidade de participação. Este é um lugar onde crianças passam boa parte do seu dia, durante a semana. As crianças tem que aprender a conviver e também compartilhar, a dividir do brinquedo até a atenção do adulto que está em sala. De acordo com AGOSTINHO (2003) ao pensar sobre a participação das crianças, o educador deve planejar, criar condições que venha favorecer essa participação. Essas condições a serem dada a elas é, proporcionar –las situações de forma direcionada, onde permita que essa criança possa se expressar, informar, comunicar-se. Para OLIVEIRA-FORMOSINHO(2011),

Tomar consciência, pertencer, criar memória, criar regulação social, analise[...] um mundo de possibilidades que se abre quando o fazer pedagógico não é o mero receituário e, se compreende a intencionalidade profunda de permitir o ser e as relações, o pertencer e o participar, o aprender e o dizer, o significar e o criar. (FORMOSINHO,2011, P.32)

É romper com práticas rotineiras para se pensar no novo fazer pedagógico. Compreendendo a criança como sujeito e não um objeto a ser moldado. Proporcionas condições de modo que a sua participação se realize de forma viva, nesses espaços. É romper com as práticas que historicamente se fez presente nas instituições de educação infantil, baseadas em moldes clássicos de educação que permearam nas creches e pré escolas, utilizados para direcionar a educação de crianças pequenas.

As creches e pré-escolas entendida como lugares onde se encontram as maiores possibilidades de participação, também é importante pensar e compreender

o espaço físico desses lugares. De acordo com AGOSTINHO (2003) Os espaços físicos das instituições de educação infantil geralmente são construídos a partir de um modelo de escola tradicionalmente concebido. Desde a sua arquitetura, até a sua materialização no cotidiano escolar, as creches e pré-escolas são construídas para alcançar uma determinada finalidade. É seguido por um modelo de educação que se pretendem efetivar nesse espaço.

Ainda de acordo com a autora, a construção desses prédios, seguem um projeto padrão, em que é predominante as linhas retas, um ambiente plano e térreo, onde as salas são divididas em séries, separando as crianças por idade, seguindo uma lógica de educação para crianças, valorizando a padronização escolar.

O espaço físico das creches e pré escolas, não são espaços construídos de forma aleatória, sem intencionalidades. Por isso, não são espaços neutros. Contudo são elaborados a partir de em uma determinada concepção de criança e educação em que se quer instaurar em um determinado espaço. Que de acordo com AGOSTINHO(2003),

A arquitetura da instituição de educação infantil não é neutra, configura na sua materialidade as ideias sobre a educação de crianças de zero a seis anos, o prédio revela em sua materialidade o projeto educativo, registro das concepções de quem projeta e organiza a educação de crianças pequenas.  
(AGOSTINHO,2003, P.12)

Ainda que nos espaços de educação infantil, sigam um projeto padrão de escola, onde predominam-se as linhas retas, com salas organizadas seguindo uma padronização escolar; esses espaços são ocupados por sujeitos pensantes e criativos. Mesmo imersos em um ambiente, a qual sua arquitetura reflete um modelo de educação tradicional, os sujeitos que as ocupam são capazes de construir um novo lugar, através da sua criatividade, imaginação. São capazes de construir um lugar diferente, de possibilidades para a participação.

Especificamente a qual se direciona a abordagem desse trabalho, restringimos em pensar a participação das crianças nesses espaços no momento da acolhida. Haja vista, que a acolhida ocorre no início do ano letivo quando a criança chega na instituição, bem como esta acolhida também ocorre ao longo do ano, no cotidiano de creches e pré escolas. Porém, nos detemos a observar esta acolhida durante o cotidiano escolar. A priori dessa discussão nos questionamos o que significa acolher?

Em geral a ideia de acolher é vista como sinônimo de receber a criança na sala e na instituição. Esse receber é compreendido no cotidiano das instituições de educação infantil, como saudação as crianças com um bom dia, um seja bem-vindo. De acordo com OLIVEIRA-FORMOSINHO (2011), acolher é a criação de lugar onde se possibilita um espaço comunicativo, para assim o dia iniciar-se bem. Um espaço onde a criança se sinta acolhida no seu próprio falar, no seu agir, no seu sentir. A acolhida é também um momento importante para iniciar o dia nas creches e pré-escolas

Com isso, muito mais que se expressar com palavras, para acolher a criança é necessário também ter um ambiente que ela sinta-se bem, segura, atendida em suas demandas, nas suas emoções. A partir da compreensão do que é acolher, GALARDINI (2017) afirma que é necessário apresentar a criança um lugar, onde esta sinta-se acolhida, sintam-se como em uma “pequena comunidade”.

Para cumplir su función educativa, un servicio pensado para los niño, em sus primeros años de vida, debe procurar que se sientan como dentro de una pequeña cominidad tanto los niños como los adultos. (GALARDINI, 2017, P.9).

A acolhida é marcada como o momento de restabelecer as relações, de criar um espaço em que as pessoas que ali vivem sintam-se bem. É estabelecer novos laços, diferente do que se tem em casa. É estar em um lugar onde se aprende e também se ensina, com o modo de ser de cada um, acolhendo seu ritmo, suas preferências, seu tempo. “A acolhida é um momento de respeitar o ritmo de cada criança e acolhe-la. Um momento para a escuta individual, de grupos, de pares [...] este se caracteriza como um momento de reencontro, de calma, de comunicação [...] (OLIVEIRA-FORMOSINHO ,2011, P.73).

O momento da acolhida necessita revelar-se como lugar aconchegante a essas crianças, através de um ambiente que se apresente como um lugar acolhedor. Sendo assim, não basta acolher somente com palavras, mas se faz necessário oferecer um lugar onde a criança sinta-se bem. Esse lugar acolhedor se apresenta através de um espaço organizado, pensado, criado de forma que seja agradável para quem se destina a acolher.

Contudo esse espaço/lugar no momento da acolhida não basta ser somente um espaço organizado de modo que seja agradável a quem se destina a acolher.

Mas também necessita ser um espaço que proporcione condições necessárias para que a professora mediadora desse momento, esteja disponível para acolher a criança, as suas vozes, manifestações, seus desejos. Este também é um lugar em que se efetiva a participação das crianças.

A criança precisa de um espaço que revele-se como um lugar acolhedor, que comunica. Uma vez que a criança encontra esse espaço que acolhe, esta age, participa e interfere nesse espaço de acordo com os seus interesses.

Esse momento da acolhida também é importante para a criança exercer seu direito de ser ouvida, mas também de ouvir, trocar experiências, sentir que aquilo que diz também tem valor. O momento de chegar à creche, reencontrar as professoras, os amigos, ser bem recebido, é também sentir que pertence aquele lugar. É nesse momento da chegada a creche, de reencontro que as crianças podem e devem participar. É importante ressaltar que ainda que seja a professora responsável em acolher as crianças, seja na organização do espaço ou assegurando o direito da criança na liberdade do falar, do agir, do comunicar-se; É importante frisar que as crianças tem potencial para participar no momento da acolhida.

Diante dessas reflexões é importante refletirmos também sobre o lugar que essa criança ocupa nesses espaços enquanto sujeito. Pois, de acordo com as literaturas os espaços de educação infantil, tem oportunizado poucas possibilidades para a participação das crianças. Uma vez que as rotinas são rígidas, o dia da criança muito planejado, organizado a atender as demandas impostas para a educação de crianças pequenas. De acordo com AGOSTINHO (2010) quando o adulto encontra com a criança, já está tudo decidido o que irá ser feito e como se realizará a atividade. A participação das crianças tem sido negado.

Essa negação a participação das crianças, como já colocado anteriormente; são reflexos de uma concepção de criança que se perpetuou nos espaços de educação infantil durante muito tempo. E com isso a crianças não têm encontrado no espaço que foi criado para elas, um lugar em que possa participar, expressar-se. Sendo assim o que resta a essas crianças que ocupam esses espaços, é somente seguir, aquilo que está sendo posto a elas.

O adulto necessita proporcionar um lugar, que de fato possa se efetivar a participação das crianças, deve acolher e estar atento para esse “dizer” dos pequenos. Isso exige sensibilidade para ouvir e também perceber as diversas formas que a

criança busca para participar, das construção e decisões que são do seu interesse. Para COUTINHO (2017)

Isso porque mais do que utilizar formas de comunicação convencionalmente utilizadas na sociedade, como a fala e a escrita, as crianças utilizam múltiplas formas de comunicação, lançando mão de modo recorrente dos gestos, olhares, movimentos, ou seja, do corpo. (COUTINHO,2017, P.39).

A criança usa diversas formas para se comunicar e expressar o seu querer ao adulto, seja através de gestos, olhares, comportamento. O educador deve ter a sensibilidade para reconhecer essas múltiplas formas de “dizer” dos pequenos deve estar atento para ouvi-las.

Porém esse ouvir, não é simplesmente a criança dizer o quer fazer. Mas, implica ao adulto ter a sensibilidade de perceber as diversas manifestações da criança. Talvez, isso nos leve a pensar que se fará somente aquilo que a criança desejam? Não. Mas, que os adultos devem estabelecer uma relação de diálogo com elas. Para proporcionar às crianças a possibilidade delas se expressarem, dizer o que pensam e, assim compreender como elas estão percebendo as coisas ao seu redor.

Proporcionar as crianças condições para elas decidirem o que realizar naquele momento; ouvi-las são uma das formas de participação. Isso reafirma o seu direito como cidadão ativo e contribui para o seu desenvolvimento. De acordo com AGOSTINHO (2010) O direito das crianças participarem nos assuntos que dizem respeito as suas vidas, as afetam e influenciam seus próprios processos de saber, bem como o total envolvimento no espaço educativo (p.98). As crianças enquanto participam, também aprende.

O ato de ouvir as crianças não se limitam apenas destas falarem o que querem, o que pensam, o que veem. Pois, podemos confundir a participação das crianças como consulta. Uma vez que reside uma diferença entre essas duas palavras, AGOSTINHO (2010) define a consulta a algo mais direcionado, com perguntas específicas com que se quer fazer, algo mais especifico a quem se destina. Mas a participação (que muitas vezes se confunde com consulta) implica em um ativo envolvimento de todos no processo, o poder de decisão é compartilhado entre todos.

Segundo OLIVEIRA-FORMOSINHO (2011, p.82) Quando se abre espaço para as crianças participarem, oportunizam a elas expressarem em suas narrativas o modo de como pensam a vida, como ela compreende sobre o acontece ao seu redor.

Permite esta criança pensar em si mesma, nos outros. De modo que essa compreensão é um processo de criação de significados pra a mesma.

## **1.2 O Direito da criança à participação na instituição de Educação infantil.**

A partir das discussões apresentadas no tópico anterior podemos sintetizar que a participação da criança é um direito que ela possui enquanto cidadã. Portanto não é algo que o professor oferece as crianças, mas esse direito a participar tem que ser assegurado. O professor deve criar condições de participação a essas crianças, porque é um direito que elas possuem enquanto sujeito. É inerente ao exercício dela enquanto cidadã, das escolhas que dizem respeito a sua vida. No momento em que o adulto compreende a participação como um direito que as crianças possuem, este proporciona em suas ações pedagógicas condições, para essas crianças expressar-se, dizer, anunciar.

A participação é um direito que as crianças possui, também necessita ter um ambiente que seja favorável, para que possa assegurar esse direito de participação. Para COUTINHO (2017) os espaços de educação infantil são lugares privilegiados para proporcionar a participação, porque nesses espaços as crianças encontram-se cotidianamente. As instituições da educação infantil é um lugar de encontro, onde adultos e crianças aprendem, interagem. É um espaço que “possibilitam oportunidades sociais novas e diferenciadas para as crianças que as frequentam, diferentes das que elas tem em casa” (AGOSTINHO,2003, P.18).

Devemos pensar esses espaços como um lugar de possibilidades, onde as crianças possam estar e ser crianças, de acordo com OLIVEIRA-FORMOSINHO(2012)

Procura-se que seja um lugar de encontro, um lugar para habitar, acolher, para abrigar. [...] este conceito do espaço como lugar de encontro e de habitar nos conduz-nos à ideia de espaço(s) pedagógico(s) como lugar(es) que integra(m) intencionalidades múltiplas: ser e estar, pertencer e participar, experienciar e comunicar, criar e narrar. (OLIVEIRA-FORMOSINHO,2011, P.11)

Os espaços de educação infantil, devem ser um lugar que revele-se um ambiente que acolhe, um espaço onde a criança participe. Educadores que compreende a participação das crianças como direito que lhe assistem, devem

proporcionar em suas práticas educacionais situações de forma natural para que as crianças possam participar. Oportunizar a elas meios para que possam expressar-se. É entender que esta pode contribuir, e através de suas características próprias de ser criança, somam para a construção de um lugar de bem estar, seguro, acolhedor.

O desafio que está posto hoje é compreender a criança como sujeito que apresenta potencial para participar, é assegurar a ela no espaço educativo o direito à participação. Mas, porque esse é um grande desafio? Porque, o educador culturalmente foi formado como aquele que decide pela criança, e hoje essa perspectiva que se apresenta, exige do professor assumir um outro lugar.

Um lugar em que ao invés das relações hierarquizadas, verticalizadas, se faz necessários a construção de se estabelecer relações horizontais. Onde junto com a criança o professor compartilha esse poder de decisão, de fazer escolhas. A partilha desse “poder” dos adultos com as crianças também é um desafio a ser superado nas creches e pré escolas. Que decorre de uma sociedade adulta que considera a criança como um ser, incapaz de pensamento próprio, dizer, de participar. É decorrente dessa mesma sociedade adulta que continua a reproduzir nas práticas cotidianas e reafirmam em suas ações, a compreensão da criança como um ser dependente do adulto.

Segundo MALCOLM, HILL E KAY TISDALL (1997) apud AGOSTINHO(2010)” o poder é o principal fator de diferenciação entre adultos e crianças” (p.92). No entanto, este não é algo que a criança possui ou não possui, mas este ocorre de maneira natural e é negociado entre adultos e crianças, compartilhar esse poder exige do adulto ética e também solidariedade.

O exercício de partilha desse poder exige dos adultos ética e solidariedade. Também exige dos adultos, reconhecer que as contribuições das crianças são importantes, que transformam, mudam. É descentralizar dos adultos o poder das decisões, para compartilhar com elas. E juntos adultos e crianças transformar os espaços em que vivem. Valorizando aquilo que elas tem a dizer para assim contribuir, participar. Para a autora AGOSTINHO(2003)

O desafio é colocar a nossa cultura adulta em diálogo com a cultura infantil, que requerendo uma produção de conhecimento coletivo, interativa, intersubjetiva, num encontro profundamente respeitoso com as crianças, acreditando firmemente em seu potencial de informantes sobre a infância. (AGOSTINHO,2003, P.30)

Esse diálogo que oportunizam diversas formas de participação, não efetiva-se de forma aleatória. É necessário conduzir a criança para situações que a envolva em decisões para o bem coletivo e não somente para o benefício próprio e satisfação pessoal. Para AGOSTINHO (2010, P.115) deve-se compreender que a participação não consiste em somente falar e ser ouvido, é importante situar as crianças no seu contexto social, articuladas a ações significativas diárias, considerando que a sua participação é presente nas relações sociais

Baseado na concepção onde a criança é vista como sujeito sócio histórico cultural, esta tem potencial para tal compreensão, para anunciar e dizer sobre o meio social em que vive. Esta é capaz de dizer, anunciar, de dar a sua opinião a respeito dos acontecimentos que ocorrem em sua volta.

As creches e pré escolas, são esses espaços de possibilidades. De acordo com AGOSTINHO (2003, P.3). “A creche apresenta-se como um espaço em que as crianças que nelas estão, sujeitos de direitos, têm para viver sua infância na contemporaneidade”. O educador deve criar meios, estratégias para compreender a criança, para ouvi-la. Este deve criar situações de forma natural, que envolva a criança e desperte o querer em se expressar, dizer, anunciar a participar.

Pensar o espaço da creche como um espaço de encontros de adultos e crianças, é tornar o lugar socialmente construído pelas crianças e adultos que habitam. “O que exige incluir as crianças, que consideremos suas manifestações expressões e seus pontos de vista, concebendo-as como seres sociais plenos, com especificidades próprias desta etapa de vida.” (AGOSTINHO,2003, P.2).

Essa tarefa não é fácil de ser cumprida, porém não se faz impossível de ser efetivada. O que exige de nós adultos é compreender essa criança como um sujeito de direito e garantir a esta dizer, anunciar, participar. Para COUTINHO (2017.P41) “Partir do princípio que as crianças são atores sociais competentes é condição para um trabalho que reconhece a cidadania no presente e não como um objetivo a ser alcançado no futuro.” A escuta das crianças se faz necessárias hoje e agora.

Ainda de acordo com COUTINHO(2017) “Sendo assim, a observação e a escuta das crianças devem ser tomadas como atividades diárias e sistemáticas, mediante as quais as marcas específicas das culturas infantis são identificadas e as marcas comuns ganham visibilidade” (P.41). As crianças tem maneiras próprias em dizer, o que cabe aos adultos ter a sensibilidade de reconhece-las.

## SEÇÃO II

### 2.0 METODOLOGIA

#### 2.1 Bases da pesquisa

Com o objetivo de responder as questões desse trabalho contou-se com uma abordagem do tipo qualitativa que de acordo com CHIZZOTTI (2003) o termo qualitativo,

Implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais de pesquisa que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível. (CHIZZOTTI,2003, p.1)

Sendo assim, o pesquisador aproxima-se e interage com os sujeitos pesquisados. Como metodologia utilizou-se a pesquisa-ação, onde pesquisador além de observar, também intervém na realidade observada. De acordo com THIOLENT (1947) define pesquisa-ação como:

Tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou tom a resolução de um problema coletivo e o qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos do modo cooperativo ou participativo (THIOLENT,1947, P.14)

Na pesquisa-ação o pesquisador tem como objetivo observar a realidade vivida, de modo a propor uma ação para solucionar uma determinada problemática identificada nessa observação. Na pesquisa-ação, a intervenção na realidade observada pelo pesquisador se apresenta através de uma ação. A qual proporciona a obtenção de novos conhecimentos tanto para o pesquisador quanto para os sujeitos observados. De acordo com Brandão (1990),

São muito evidentes as possibilidades de se obter um novo conhecimento sólido a partir do estabelecimento, na pesquisa de uma relação mais proveitosa sujeito-sujeito, isto é, uma completa integração e participação dos que sofrem a experiência da pesquisa (BRANDÃO,1990, P.59)

Sendo assim a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa que tem a sua ação voltada para responder (através da ação) as demandas essenciais dos sujeitos pesquisado. Esta ver o seu “objeto” de pesquisa como fonte de sabedoria, conhecimento a contribuir para a pesquisa e, não simplesmente um objeto a ser estudado.

Os procedimentos utilizados para a obtenção de dados para desenvolver a pesquisa, se deu através da observação participante. Segundo GIL (2008, P.103) observação participante “consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada.” Nesse aspecto além de ocupar o espaço com a finalidade de observar e estudar os objetos de pesquisa, este se envolve no cotidiano, vivencia, interage, influencia e também é influenciado.

Esse trabalho foi produzido no contexto da disciplina estágio de educação infantil I e II. A disciplina é organizada em dois semestre com carga horária de 68 horas cada. Sendo ministrada pela professora Celi da Costa Silva Bahia

Inicialmente a disciplina trouxe como discussão introdutória a compreensão acerca da formação de professores, tendo por princípio a formação reflexiva. Esta discussão foi fundamental para a compreensão da organização metodológica da disciplina. Pois, a reflexão permeou todo o processo de desenvolvimento da disciplina ao longo dos dois semestre.

O professor reflexivo é aquele profissional que pensa sobre o seu próprio fazer pedagógico e reflete sobre o mesmo. Ao refletir sobre esse fazer, este constrói um novo conhecimento. Essa reflexão sobre as ações que exerce na sua prática docente, não é feita de forma aleatória, mas esta é baseada em autores e estudos que ajudam a compreensão dessa dada realidade em que se está refletindo. A teoria nesse aspecto assume o papel de contribuição para a construção do conhecimento científico. De acordo com PIMENTA E LIMA (2005)

[...] O papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análise para compreender os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si mesmos como profissionais, nos quais se dá sua atividade docente, para neles intervir, transformando-os”. (PIMENTA E LIMA,2005, P.49)

Nesse sentido a relação contínua entre pesquisa e prática, resulta na Práxis (ação, reflexão, ação). Os estudos, as teorias colocam-se como ferramenta para

reflexão sobre a realidade na prática docente. Com isso, supera-se a dicotomia presente nos estágios, como sendo teórico ou somente prático. Mas que estágio é teórico-prático, sendo um o complemento do outro. Para além disso, o estágio é teoria, prática e ação.

Os estágios ganham um novo formato, cujo o aluno/estagiário ao ir a campo, podem ver, perceber e analisar o cotidiano escolar. E a partir disso, este é capaz problematizar, posteriormente refletir, planejar e agir novamente. Este é de fato o momento de construir novas aprendizagens, rever os conceitos estudados.

Nessa proposta, as alunas e alunos vão a campo com o objetivo de aprofundar a leitura do real, problematizá-lo, construir um diagnóstico e discuti-lo com a instituição constituída em campo de estágio. Tal diagnóstico vai tomando a forma de um projeto de estágio que, apresentado e discutido com todos os envolvidos no processo (alunas, profissionais que atuam diretamente com as crianças, coordenação pedagógica, direção), transformando-se em diretrizes que vão orientar a prática das estagiarias na instituição. (OSTETTO, 2000, p. 21-22)

Porém, esse ver, observar e analisar o cotidiano escolar não se efetiva de qualquer forma, pois é preciso educar o olhar. De tal modo, a superar o olhar estereotipado <sup>1</sup>, para abrir possibilidades para um novo ver à realidade. De acordo li 8 com WEFFORT(1997)

A ação de olhar é um ato de estudar a si próprio, a realidade, o grupo à luz da teoria que nos inspira... e a ação de se perguntar sobre o que vemos, é que rompemos com as insuficiências desse saber, e assim, podemos voltar a teoria para ampliar nosso pensamento e nosso olhar. (WEFFORT,1937, P.32)

Esse diálogo que se estabelece entre a realidade observada com a teoria que a orienta, permite-nos pensar, refletir sobre essa realidade e construir novas aprendizagens. Pois, esse exercício nos permiti a perceber as nossas próprias limitações e buscar respostas para o que ainda não compreendemos. Para que assim possamos superá-las.

---

<sup>1</sup> De acordo com WEFFORT (1997, P.32), o olhar estereotipado, é aquele que ver somente aquilo que lhe agrada, reproduzindo assim um olhar monólogo, alienante “querendo ver escutar o que há em nossa imaginação”.

É importante exercitar um olhar que questione, que busque explicações e ao mesmo tempo gere ações para solucionar-las, mas também que a reflexão faça-se contínua e presente em todos os momentos “O ato de observar envolve todos os outros instrumentos: a reflexão, a avaliação e o planejamento, pois todos se inter cruzam no processo dialético de pensar a realidade” (WEFFORT, 1997, P.35).

Ainda de acordo com a autora WEFFORT (2011), educar o olhar se faz necessário, pois é importante desprender das próprias certezas, convicções. Que não permite ver, compreender, analisar a realidade observada. Pois um olhar estereotipado conduz a ver, ouvir somente o que lhe é agradável. Observar com um olhar estereotipado, imutável não se torna significativo para quem observa, porque não abre possibilidade para obter-se novos conhecimentos.

O ambiente escolar está sempre em constante mudança, apresentando-se no cotidiano novas necessidades e desafios. No entanto, este se faz perceptível ao olhar de quem observa com sensibilidade. É preciso ter nossos “sentidos” sensíveis para ouvir o outro, para enxergar a realidade e assim poder refletir sobre a mesma.

É necessário compreender que não se está naquele espaço para tecer crítica ao educador. Mas, para refletir sobre as ações pedagógicas desenvolvidas naquele espaço. Sobre esse observar de acordo com WEFFORT (1997, P.36) “... não é invadir o espaço do outro, sem pauta, sem planejamento, sem devolução... observar uma situação pedagógica é olha-la, fita-la, mira-la, admira-la, para ser iluminada por ela.

Pensar, refletir sobre as ações pedagógicas e não criticar o profissional. A crítica que se faz, não é para encontrar defeitos, mas para buscar soluções a partir de uma reflexão sobre esse fazer. Ainda de acordo com a autora, “observar uma situação pedagógica não é vigia-la, mas sim, fazer vigília por ela, isto é, estar e permanecer acordado por ela, na cumplicidade da construção do projeto, na cumplicidade pedagógica”. (WEFFORT, 1997, P.36)

É uma troca de experiências, entre o estudante/pesquisador com o profissional atuante. Ambos em uma sintonia para construir juntos novas aprendizagens, direcionando para um novo fazer pedagógico.

Tendo por base o princípio de ter um estágio sob a perspectiva de um professor reflexivo, este assume o papel de contribuir para a formação do aluno, caracterizando esse momento do estágio, como sendo a experimentação para a uma atuação vindoura, é vivenciar de fato os acontecimentos presente no cotidiano escolar. Que de acordo com PIMENTA E LIMA (2004)

A finalidade do estágio é proporcionar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará. Assim, o estágio se afasta da compreensão até então corrente, de que seria a parte prática do curso. As autoras defendem uma nova postura, uma redefinição do estágio, que deve caminhar para a reflexão, a partir da realidade. (PIMENTA E LIMA, 2004, P.45).

Tendo em vista esses princípios, metodologicamente a disciplina foi organizada com os objetivos de:

- Contribuir com a formação de profissionais para atuar na Educação Infantil;
- Inserir o estudante de Pedagogia no cotidiano da Educação Infantil
- Conhecer os elementos constitutivos da Profissionalidade de Educação Infantil

Bem como, os objetivos específicos de acordo com o plano de curso da disciplina são:

- Observar e registrar os fazeres e práticas presentes no cotidiano da instituição de educação infantil
- Refletir sobre o trabalho docente na educação infantil considerando as teorias estudadas no curso.
- Elaborar e socializar o projeto de intervenção a ser desenvolvido na disciplina Estágio de Educação Infantil II.

Para o alcance de tais objetivos, metodologicamente a disciplina foi organizada da seguinte maneira. No período de estágio de educação infantil I, ao adentrar no campo de estágio/pesquisa, o aluno primeiramente entrava em contato com a instituição para conhecer a escola, o espaço, bem como a sala e a turma. O segundo dia em campo, as alunas/pesquisadoras deveriam observar e colaborar com o trabalho na instituição, para oportunizar as mesmas diversas experiências. Mediante a observação no ambiente a qual se estava em contato, somando com as primeiras experiências obtidas esta deveria selecionar um momento para refletir a luz dos autores.

Posteriormente a essa reflexão, esta deveria elaborar uma proposta de trabalho para intervir naquele espaço, junto as criança. De acordo com os objetivos

propostos pela disciplina, a partir dessa reflexão sobre um momento escolhido, o aluno deveria elaborar e também socializar um projeto de intervenção a ser realizado. Após a realização dessa intervenção, o aluno/pesquisador deve registrar e refletir teoricamente, a fim de enxergar os erros, acertos, bem como as dificuldades, possibilidades e também os limites a partir da intervenção realizada. Após a essa reflexão feita sobre a atividade desenvolvida, o aluno deverá replanejar a atividade, no entanto esta não será executada novamente.

Ao final desse processo de observação colaborativa o aluno terá três experiências realizadas. E a partir destes deverá selecionar apenas uma para aprofundar os conhecimentos. Posteriormente, este desenvolverá um projeto de intervenção a ser aplicado no estágio de educação infantil II.

Durante o processo de desenvolvimento do projeto, os registros e a reflexão da experiência revelaram que, por mais que as ações proposta estivesse proporcionando o bem estar, alegria; as crianças eram objetos da ação do adulto, ou seja, as ações eram sobre elas mas não com elas.

Pois pouco espaço elas tinham para participar, seja nas proposição, nas escolhas, na forma como as atividades eram desenvolvidas, bem como o local que se apresentava a elas. Tudo chegava pronto para a criança, não havendo a participação delas. Isso me motivou a refletir sobre a participação das crianças no momento da acolhida. Para a escrita desse trabalho se fez necessário reunir os registros de estágio, bem como o projeto de intervenção realizado no estágio de educação infantil II, para realizar a análise sobre esse momento vivenciado na sala do maternal I. Todo esse exercício é reviver a cada instante a experiência vivenciada no estágio.

## **2.2.LÓCUS DA PESUISA**

Dado a opção metodológica para a realização desta pesquisa, esta foi desenvolvida durante a disciplina estágio de educação infantil, realizada na Unidade Educacional Infantil Rosemary Jorge, localizada no município de Belém. A unidade funciona com o atendimento voltado a educação infantil em período integral e parcial. Esta é composta por sete turmas e atendem crianças do maternal ao jardim II. Em média as turmas são compostas por 20 a 25 crianças. Nas turmas de maternal ao jardim I, contam com a presença de duas professoras por sala e a turma do jardim II apenas uma única professora.

Durante a observação para essa pesquisa, percebeu-se que nos espaços da educação infantil a participação das crianças podem ocorrer em vários momentos durante a sua permanência na unidade. Entretanto, a pesquisa deteve-se a observar o momento da chegada das crianças a creche, o qual denomina-se como o momento da acolhida. A sala escolhida para a realização da pesquisa foi na turma do maternal I, nesta turma atende crianças com a faixa etária de 2 a 3 anos de idade.

Os sujeitos que participaram dessa pesquisa contam com duas professoras, as crianças, a autora do trabalho e uma estagiária (duas estagiárias). Essa pesquisa realizou-se na turma do maternal I na UEI RJ. Nessa turma estavam matriculadas uma média de vinte crianças. No entanto, a frequência ocorria em torno de dezessete crianças. Nove meninas e oito meninos com idades entre 1,5 a 2 anos.

Mais do que números quantitativos para a pesquisa, estas crianças a qual me deparei eram alegres, espontâneas, afetivas e também muito observadoras. O primeiro contato com as crianças se caracterizou como sendo um momento de alegria, curiosidade e também receio tanto pelas crianças quanto pela estagiária/pesquisadora. Para as crianças, a figura de mais duas pessoas dentro de sala, para observa-las apresentou-se como novo e por isso com muito estranheza. E para as estagiárias apresentavam-se como sendo um contato, em um novo ambiente, e realizado com crianças pequenas.

As crianças em sua grande maioria mostravam-se bem curiosas com a chegada das estagiárias em sala. Porém com a permanência das mesmas, todas as semanas durante as quintas feiras, as crianças foram interagindo e se adaptando com a presença das mesmas.

Cada criança é única no seu modo de ser. Umhas mais comunicativas, outras mais retraídas. Para as brincadeiras buscavam umas às outras formando duplas e trios, outras preferiam estar sozinhas nos cantinhos das salas, para ali fazer o seu lugar. No olhar das crianças revelavam alegria, motivação, vontade de aprender, de explorar o meio em que vivem. Em suas brincadeiras de faz de conta: a criatividade, a imaginação, a realização de ter super poderes, tomavam conta daquele espaço, de modo a criar um mundo, onde os problemas se resolviam-se facilmente e a realidade triste e desigual vivida por elas, não se faz habitar.

As professoras que compunha a turma, são profissionais que tem diferentes idades, uma professora é mais nova, com a faixa etária de 35 anos de idade, casada,

mãe de dois filhos, a qual daqui pra frente vou me referir como professora I. Esta teve a sua formação em pedagogia na Universidade Estadual do Pará. Em uma conversa informal com a professora I, esta relatou um pouco de sua história e, sobre algumas de suas experiências vividas até a sua chegada na unidade. Relatou que trabalhou como tesoureira em uma escola particular por anos, mas almejava passar em um concurso público, e atuar como professora. A professora I exerce duas atividades diferentes, um é como professora na sala do maternal I pela manhã e, à tarde trabalha na secretaria da SEDUC.

A segunda professora, mais experiente, é uma professora com faixa etária de 50 anos de idade, casada, sem filhos, a qual vou me referir como professora II. Esta sempre trabalhou com educação infantil e estava em processo para a sua aposentadoria. As professoras se dividiam durante a semana para a condução da rotina e das atividades realizadas com crianças, porém ambas estavam presente todos os dias, ajudando uma a outra.

Nesse espaço também estava presente duas estagiárias. Estudantes de pedagogia da Universidade Federal do Pará, que chegam ao espaço de educação infantil, trazendo suas incertezas, receios, mas também um grande desejo de aprender. É importante destacar que ambas estavam vivenciando um momento novo na vida acadêmica, pois o estágio estava proporcionando o contato direto das estudantes com a realidade educacional, com o cotidiano de uma sala de aula.

No entanto, essas estagiárias também possui uma história que antecede a sua estadia ao campo do estágio. No qual, também influenciou no processo de aprendizagem de ambas as partes. Uma delas já atuava como estagiária em uma outra escola de educação infantil na rede particular de ensino. Esta já trabalhava com crianças da mesma faixa etária que aquelas onde estava a se observar. A outra também atuava como estagiária, porém no ensino fundamental I, fazia o acompanhamento de criança com necessidades especiais, o contato com a educação infantil, naquela sala apresentou-se como algo novo para a sua vida acadêmica/profissional.

A unidade é composta por uma rotina que se divide em acolhida, o café da manhã, banho, hora da atividade, momento livre, almoço, soninho. Todas essas

atividades distribuídas ao longo do dia, e uma rotina organizada e elaborada para atendê-las. Neste trabalho será apresentado de modo detalhado o desenvolvimento de como se trabalha no momento da acolhida.

### **2.3 Procedimentos de coleta**

Durante a disciplina estágio todo o processo observado era registrado. A disciplina metodologicamente foi organizada de modo que o estagiário observasse e depois selecionasse duas atividades para registro. No caso específico optou-se por registrar o momento da acolhida. Esses registros, eram feitos ao final do tempo de observação. Após essa reflexão, o estagiário tinha por atribuição a proposição de elaborar um projeto de intervenção para ser aplicado na sala de aula. Este deveria ser registrado e refletido.

Para além de registrar o ocorrido, o estagiário fazia o exercício de refletir sobre as situações vividas na sala de aula, pela professora, pela criança e pela estagiária. Inicialmente o objetivo principal era observar uma situação durante o cotidiano das crianças e escolher dois momentos para refletir teoricamente. Posteriormente a essa reflexão deveriam escolher somente um momento específico para propor uma ação interventiva.

Este trabalho restringiu-se a observar e refletir somente o momento da acolhida, trazendo consigo todo o processo de observação ocorrido no estágio de educação infantil. Mediante a análise sobre os registros reflexivos, para fim deste trabalho buscou-se compreender sobre a participação das crianças nos espaços de educação infantil, no momento da acolhida, bem como refletir em dois momentos principais: como era organizado o momento da acolhida na unidade, e como se reorganizou a partir do projeto de intervenção desenvolvido pelas estagiárias. Estes registros serão acompanhados por reflexões à luz da literatura.

Os dados desses registros, serviram de base para a elaboração de um projeto de intervenção, realizado na sala do maternal, que tinha por objetivo planejar e executar sistematicamente um conjunto de ações direcionadas na situação observada. As quais eram observadas e também registradas pelo pesquisador. O

conjunto desses registros serviu como base para construção da análise desse trabalho.

## **2.4 Procedimento de análise**

A análise foi feita a partir dos registros reflexivo que permeou o período do estágio de educação infantil. Para efeito de análise utilizou-se os registros de estágio e selecionou-se para a pesquisa somente os registros do momento da acolhida. O qual traz em destaque a priori o registro e conseqüentemente as reflexões do pesquisador, sobre o momento da acolhida organizado pelas professoras que eram responsáveis pela turma do maternal.

No segundo momento foi extraído dos registro as atividades de intervenções realizada no momento da acolhida, o qual destaca a ação das estagiárias no campo, posteriormente traz a reflexão do pesquisador à luz dos autores. Para a análise também foi selecionado somente alguns momentos vivenciados no momento da acolhida e refletidos sobre os mesmos a fim de responder as questões norteadores deste trabalho.

## **Seção III**

### **3.0 A Participação da criança na turma do maternal I.**

Uma vez que os dados da pesquisa tomam como referência o trabalho desenvolvido durante a disciplina estágio, a organização da análise considerará os dois momentos em que o estágio foi desenvolvido. O primeiro caracterizado pela observação colaborativa e o segundo caracterizado com a prática interventiva das estagiárias. Para melhor situar o leitor de modo a este compreender como aconteceram estes dois momento; inicialmente apresenta-se uma descrição da sala onde a pesquisa foi realizada seguido das observações. No final traz as reflexões obtidas nos dois momentos.

### **3.1 Acolhida: espaço da (não) participação da criança na UEI RJ**

A sala do maternal I, caracterizava-se como sendo a mais espaçosa da instituição. Esta apresentava-se um ambiente arejado e amplo. Enquanto estrutura, o espaço constituía-se como uma sala de formato retangular, possuíam um banheiro interno, porém não era utilizado pelas crianças. Nas paredes havia espaços entre os blocos para a entrada do ar na sala. Nelas também haviam estantes embutidas para a organização de materiais como livros, pasta, papel A4, tintas, pinceis, lápis de diversos tipos, dentre outros materiais. A sala possuía 7 mesas e 25 cadeiras, sendo uma mesa e uma cadeira para o uso do professor, e as demais mesas e cadeiras para o uso das crianças.

Das mesas que estavam disponíveis para o uso das crianças, duas eram destinadas para a organização dos brinquedos disponíveis na sala. As demais eram utilizadas para o uso das atividades realizada pelas professoras.

Quanto à organização do espaço, este era composto por algumas mesas e cadeiras adaptadas para a faixa etária das crianças que frequentavam aquele espaço. Havia também uma mesa para a professora, em que esta optava em deixá-la no canto da parede para colocar os seus pertences. Na sala havia cartazes bem coloridos, a exemplo o cartaz de “chamadinha”, com os nomes das crianças impressos e colados em papel cartão, um mural com os nomes dos aniversariantes do mês, bem como os trabalhos produzidos pelas crianças. A sala também contava com os recursos de aparelho de DVD e um televisor.

No primeiro momento, todas as manhãs a professora organizava a sala para receber as crianças. Essa organização se dava da seguinte maneira: as cadeiras eram arrumadas em frente da televisão fazendo um formato de semi- círculo. Em seguida a professora direcionava e se posicionava na porta da sala para receber as crianças e a outra professora ficava observando as crianças na medida em que elas chegavam a sala, bem como esta também utilizava o momento para atualizar os seus diários escolares.

É importante destacar que os pais entravam na unidade para deixar os filhos nas suas respectivas salas. Contudo, as professoras relataram que ficava na porta da sala para não deixar os pais das crianças entrarem. Pois segundo elas, a permissão da entrada dos pais com as crianças na sala, dificultava a separação dos mesmos quando responsável precisava ir embora.

Ao chegar a primeira criança, a professora recebia esta com um bom dia, um seja bem-vindo, um abraço e cumprimentava os pais. A medida que as crianças chegavam a sala, a professora que estava a recebê-las na porta, pegava os pertences das mesmas e levava esta criança a sentar em uma das cadeiras que estavam posicionadas à frente da televisão, em seguida guardava os pertences das crianças atrás da cadeira em que esta estava sentada. É importante ressaltar que a televisão era ligada ao chegar da primeira criança.

Quanto à organização de receber as crianças a porta durante a semana, as professoras estabeleciam um acordo, em que a cada dia uma das duas ficavam responsáveis para receber as crianças neste primeiro momento. Outro fator importante a mencionar é quanto à liberdade das crianças em sala. No qual, estas crianças tinham a liberdade de escolher um brinquedo para brincar, ou assistir televisão. Porém, esta deveria permanecer sempre sentada nas cadeiras.

As observações também permitiram perceber a existência de dois grupos entre as crianças: As que choravam e as que não choravam. Contudo, as crianças que choravam apresentavam-se um pequeno grupo diante das outras crianças que já estavam habituadas a rotina da creche.

Apesar da professora determinar aquilo que as crianças devem fazer, estas nem sempre seguiam as determinações da professora. Ao contrário estas crianças se envolvem em outras brincadeiras, levantam-se, abraçam uma as outras, conversam, buscam uma as outras, em geral na frente da televisão, Rompendo assim, com as regras estabelecidas pela professora, causando insatisfação na mesma.

Entretanto, essa insatisfação não acometia somente a professora, mas também em algumas crianças. Pois, não eram todas as crianças que queriam brincar uns com os outros, mas havia crianças que queriam assistir televisão. Que também ficavam insatisfeitas quando as outras crianças atrapalhavam esse momento, quando ficavam na frente da televisão, quando falavam e conversam alto. Terminando assim a atrapalhar o interesse daqueles que querem assistir televisão. Os quais, protestam, chamavam a professora: - “tia”, reclamavam, choravam, beliscavam os colegas que estão à sua frente, gritavam: - “sai da frente! Eu quero ver!” Levantavam e se aproximavam do aparelho. O que termina sendo resolvido pela intervenção da professora que para sanar os conflitos, esta ordenavam que todas as crianças voltasse a sentar nas cadeiras.

Percebe-se que a professora é quem decide como resolver os conflitos. Mas, a mesma não se coloca em um diálogo com as crianças para ouvi-las no sentido de perceber qual a estratégia de como proceder para contemplar os diversos interesses que as crianças manifestam.

Analisando o primeiro momento percebe-se que a acolhida ainda está muito marcada pela decisão do adulto. Desde a sua organização que de acordo com análise desse primeiro momento, ocorria de uma única forma. Como até mesmo na permanência naqueles espaços, na resolução dos conflitos que surgiam entre as crianças. O poder das decisões não tem sido compartilhado com as crianças.

Isso revela o quanto os adultos não valorizam as formas que as crianças lançam mão para se comunicar com os adultos, o quanto elas tem as nos dizer. Como a professora não se coloca em ouvir as crianças. Pois, de acordo com AGOSTINHO (2010), as crianças utilizam-se de diversas formas para dizer, anunciar, as crianças se comunicam com palavras, mas também com gestos e o adulto precisa ter a sensibilidade de perceber as diversas formas que as crianças lançam mão para participar.

Sendo assim, de acordo com a análise feita o momento da acolhida segue em uma linha reta, ocorrendo todos os dias da mesma maneira e com eles a permanência dos mesmos problemas, gerando insatisfação na professora e também nas próprias crianças.

Para se efetivar a participação das crianças nesses espaços, é necessário ouvi-las para melhor atendê-las. Contudo, as crianças manifestam diferentes interesses nesse momento da escuta, da percepção dos seus gestos, movimentos e então nos indagamos, como proceder para contemplar os diferentes interesses das crianças? De acordo com VIEIRA (2009).

Orientar a criança faz parte de uma tomada de consciência. No entanto pode-se ter uma postura dialogada ao invés de imposta. Ao combinar com as crianças o que poderia ser feito, a educadora abriu espaço para a autonomia.

Estabelecer o diálogo com a criança, ao invés de impor. Contudo essa organização precisa ser feita considerando os interesses das crianças. De acordo com a análise do primeiro momento as crianças não se submetem a querer fazer todos os dias as mesmas coisas, a seguir as mesmas regras e assim elas se manifestam diante das imposições. A participação das crianças nesse sentido, se

revelam nas entrelinhas através do rompimento das regras. Porque a elas não são assegurados espaços para ela participar.

O educador precisa está aberto para o diálogo com as crianças, necessitam ouvi-las, negociar. De acordo com VIEIRA (2009), compreende-se que uma das possibilidades em conduzir este momento é explicar as crianças o porquê que elas devem estar sentadas. Explicar a criança que ela deve está sentada para esperar os outros colegas chegarem, e enquanto isso ela pode brincar com o brinquedo que escolher. Essa explicação soma como auxílio para a criança buscar entendimento do que está sendo colocado a ela, permitir o erro sem julgar, é também permitir que a criança seja criança.

Buscar o diálogo ao invés de impor a criança, é revelar em atitudes a compreensão de que as crianças são sujeitos e tem capacidade de participar. Nesse aspecto o lugar que a criança ocupará é de sujeito participante e não de objeto na mão dos adultos. Optando-se pela ação combinada e não apenas obedecer por imposição.

### **3.2 A participação das crianças no momento da acolhida na turma do maternal I. Um ensaio para o exercício da participação das crianças.**

Diante do que foi observado no primeiro momento as estagiárias/pesquisadoras elaboraram um projeto de intervenção com vista a experimentar possibilidades de participação das crianças no momento da acolhida. Optou-se por trazer atividades diversas para o momento inicial da rotina. Tendo como objetivo, diversificar esse momento optou-se por realizar brincadeiras diversificadas com as crianças no momento da acolhida. As quais, tinham por objetivo possibilitar bem estar, liberdade, movimentos por meio das interações da crianças. Estas atividades serão objeto com vista de refletir sobre a participação das crianças nestas atividades. A seguir apresenta-se as atividades como: a brincadeira no parque, roda musical.

Na primeira atividade optou-se por realiza-la na área externa, em frente à sala do maternal I. O espaço era em local de contato com a terra e próximo ao parque que havia dentro da unidade. Para a atividade levou-se um tapete colorido (próprio para colocar sobre áreas de terra, pisos) com desenhos como: bola, casa, frutas, estrelas, bem como para essa atividade também se utilizou vasilhas, potes e tampinhas de garrafas pet's. A atividade como "brincadeira no parque", tinha por objetivo proporcionar as crianças uma atividade diferenciada no momento da acolhida, abrindo possibilidades para esta brincar ao ar livre, ir para o parquinho, bem como entrar em contato com a terra, utilizar materiais de uso comum no cotidiano, como potes, vasilhas de margarina e tampas de garrafas pet's.

Para o desenvolvimento da atividade proposta as estagiárias acolhiam as crianças no tapete, que estava na área externa da unidade próximo a sala das crianças. Enquanto uma permanecia com as crianças sentada no tapete colorido. A outra recebia os pertences das crianças e posicionava a porta da sala. A que permanecia no tapete colorido brincava, interagiam com as crianças à medida que estas chegavam ao espaço. A segunda ficava a receber as crianças e organizar os materiais das crianças, bem como a observar as crianças que não queriam permanecer no tapete.

No primeiro momento as crianças, se surpreenderam com a atividade que estava sendo proposta a elas, como mostra o relato a seguir:

Nesse dia, as crianças pareciam bem surpresas com a atividade que estava sendo proposta a elas. Estas chegavam e sentavam sobre o tapete colorido e logo em seguida pegavam os objetos como as vasilhas e tampinhas. Porém, houve crianças que não queria sentar-se sobre o tapete, querendo voltar para a sala. (Registro de estágio 09/11/2017)

Visto que algumas crianças optaram por não sentar no tapete colorido, e até mesmo queriam voltar para a sala. Essa atitude surpreendeu a quem estava realizando a atividade, como mostra a descrição a seguir:

As estagiarias (surpresa com a atitude da crianças) convidavam as crianças para brincar, explicando que iriam para a sala de aula, porém não naquele momento [...] As crianças entenderam, e optaram por correr em volta do tapete. Outras optaram por brincar com a terra, outras com as vasilhas e os potes. (Registro de estágio 09/11/2017).

Com vista a diversificar o momento da acolhida, a segunda atividade realizou-se na própria sala do maternal I. De modo a criar condições para tal atividade, a

primeira coisa foi fazer alterações no espaço, onde desligamos a televisão e mudamos a organização das cadeiras.

Primeiramente retirando as cadeiras que ficavam em frente à televisão, distribuindo as cadeiras juntos as mesas e posicionamos nas laterais da sala, ampliando assim o espaço para o centro da sala. Assim como as professoras, também passamos a receber as crianças na porta. Aquelas que chegavam e não choravam eram incentivadas a pegar um brinquedo e sentar onde desejavam. As que choravam recebíamos esta criança, dirigiam-se até uma das mesas, sentávamos com ela e explicávamos os motivos por qual deveriam estar ali.

De modo geral, as crianças ao pegar um brinquedo se direcionavam para diversos pontos da sala. Mesmo havendo a organização das cadeiras junto as mesas nas laterais, estas optaram por sentarem ao chão com seus brinquedos. Umas buscavam uma as outras para brincarem, formando duplas, trios. Outras preferiam estar nos cantinhos da sala, sozinhas.

As crianças que choravam, após conversar, acalenta-las, estas eram levadas pelas estagiárias/pesquisadoras para brincar junto com as outras crianças, que já estavam brincando em grupos. Buscando a interação desta criança com as outras. É importante ressaltar as crianças que choravam eram um pequeno grupo em relação à quantidade que havia na turma do maternal I.

Dando continuidade a acolhida das crianças, realizou-se a “roda musical” com as crianças. Para iniciar a atividade fizemos uma grande roda com as crianças, perguntando quais músicas elas conheciam, quais elas queriam cantar e assim iniciamos com algumas músicas de cantigas de roda como “atirei o pau no gato”, “A barata diz que tem” e outras que elas conheciam e gostavam. As crianças ficavam alegres, sorriam, pulavam, faziam gestos com as mãos de acordo com as músicas.

Contudo havia crianças que ficaram com vergonha, levavam as mãos a boca, sorriam envergonhadas, cantavam baixinho. Porém, a medida em que percebiam que os seus colegas estavam dançando, alegres e contentes estas também aos poucos também se alegravam e falavam quais músicas queriam cantar. As estagiárias/pesquisadora atendiam os pedidos das crianças à medida em que estas participavam.

No entanto, houve algumas crianças que no decorrer da atividade perderam o interesse pela atividade, e começaram a se distrair com outras coisas e também a bater em outro colega

Percebe-se que quando a criança perdeu o interesse de participar da atividade, logo ela procurou outros meios para manifestar a sua insatisfação, no que acarretou a se distraí, em bater uns nos outros. No entanto, quando paramos a brincadeira para chamar a atenção da criança, logo ela parou e não soube explicar o porquê daquele comportamento.

Quando percebeu-se que o desinteresse da criança, estava relacionado com a atividade, resolvemos então parar a atividade e direcionar a atenção para essas crianças, perguntando o porquê daquela atitude. A criança não soube expressar verbalmente o porquê. Diante dessa situação, as estagiarias/ pesquisadoras em momento algum pensaram que as crianças estavam tentando encontrar uma forma de dizer que ela não queria participar daquela atividade. O qual demonstrou esse desejo em não participar, através do conflito com o outro colega, do desinteresse.

Uma das coisas a se refletir nesse segundo momento é o quanto as crianças são chamadas a participar, percebemos o quanto elas tem a nos dizer, sugerir, o que gostam de fazer. E isto, se revela nas situações e na forma como as crianças participam nas atividades. De como elas se envolvem e participam. Como mostra o relato a seguir:

Percebemos que depois de cantarmos essas músicas, perguntamos as crianças, qual música elas gostariam de cantar. Elas se animaram e pediram para cantar as músicas que a professora cantava no momento da rodinha como a música do “bom dia”, música de natal (pois eles estavam ensaiando uma música de natal apresentação deles em uma festinha que iria ocorrer na creche), pediram para cantarmos juntos à música do patinho dentre outras músicas. (Registro de estágio 14 /12/2017)

Quando as estagiárias tiveram a sensibilidade de ouvir as crianças, elas puderam ser ouvidas e assim participar. Percebe-se o quão importante os adultos terem a sensibilidade e também se permitir em ouvir as crianças no momento da atividade, perguntado a elas o que estas querem fazer, querem cantar. Do que elas gostam, do que elas desejam. Essa resposta positiva, a participação revelou-se na forma que as crianças se envolveram na atividade.

Contudo as crianças tem seu tempo, chega uma hora em que elas perdem o interesse pelas atividades. Em um certo momento elas perdem o interesse, o que

significa dizer que não é todo o momento que a criança quer participar daquilo que estar sendo proposto a elas. Como mostra o relato a seguir;

Durante uma atividade de brincadeira no momento da acolhida, ocorreu o fato que algumas crianças estavam participando da brincadeira, rindo, dançando, quando outras começaram a perder o interesse, estas começaram a querer bater em outros colegas. Nesses momentos, tivemos que parar um pouco a brincadeira, chamar essas crianças que estavam batendo, perguntando a elas o porquê de estar batendo no colega, fizemos eles se pedirem desculpas e chamavam essas crianças para a brincadeira e até mesmo escolher junto com os seus colegas outra música, e assim voltar para a atividade proposta.

(Registro de estágio 30 /11/2017).

A crianças quando perdeu o interesse pela atividade esta mostrou sua insatisfação através do conflito com outro colega. No entanto, não se refletiu nesse momento o porquê atividade ficou desinteressante para algumas crianças e nem o que elas queriam nos dizer. Pois, a criança estava as nos dizer quando entrou em conflito com o outro colega, quando se desinteressou pela atividade.

Analisando ambas situações apresentadas nesta terceira seção observamos que não há a participação efetiva das crianças, pois o poder de decisões ainda está centrado no adulto, ou seja, em ambas situações percebemos que os adultos decidem o que fazer, quais as atividades serão realizadas com as crianças. No segundo momento ainda que houve maior sensibilidade na hora da atividade, porém no momento da elaboração das atividades, não se preocupou em ouvir a criança. Durante aplicação da segunda atividade desenvolvida houve participação das crianças, principalmente na roda musical, onde estas escolhiam junto com as estagiarias/pesquisadoras, as músicas que queriam cantar, havendo a sensibilidade de ouvi-las.

No entanto, em vários momentos apresentado em ambos casos do primeiro e segundo momento percebemos que as decisões de modo geral ainda estão muito centradas no adulto. Não levando em consideração que a criança enquanto sujeito tem potencial a dizer, anunciar, em participar das decisões. De acordo com AGOSTINHO (2010)

O direito das crianças de participarem nos contextos de educação é essencial no reconhecimento de sua competência social. Cabe aos adultos, responsáveis pela organização, disponibilizarem tempos e espaços nas práticas pedagógicas, abrirem espaços para que isto se efetivem, num exercício de diálogo Inter geracional e de compartilhamento de poder, uma

prática democrática que envolve negociação e compromisso. (Agostinho,2010, P.98).

A partilha do poder nas decisões é o que se apresenta como desafio nas práticas educacionais. Diante disso, é importante refletir sobre o quanto os adultos estão acostumados a decidir tudo pela criança, a não dar ouvido a que elas tem a dizer. De acordo com AGOSTINHO (2003) É necessário colocarmos a nossa cultura em diálogo com a cultura da criança, em busca de produzir conhecimento coletivo, isto é de certa forma o reconhecimento da capacidade da criança em participar.

Com isso, percebemos o quanto é necessário o exercício da reflexão para o professor, pois este através da reflexão da sua ação exercida nos espaços de educação infantil, este tem a oportunidade de enxergar, perceber se aquela ação foi significativa, se atingiu o objetivo que se pretendia. Ajuda também a este se auto avaliar, perceber os erros, os acertos e pensar em um novo fazer.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das questões apresentadas neste trabalho, verificamos que a participação das crianças é uma abordagem presente e de grande relevância no trato da educação de crianças pequenas. Pois, a criança participar, envolve prioritariamente a compreensão desta como sujeito sócio histórico cultural, que cria e produz cultura através das relações que estabelecem um com os outros.

E enquanto sujeito esta criança apresenta capacidade, tem necessidade em participar, de ser ouvida. E para isso se faz necessário o educador reconhecer que esta criança é capaz de dizer, anunciar, informar. E a partir disso, este deve criar condições para se efetivar essa participação. Pois, a criança participar é um direito que possui enquanto cidadã, enquanto sujeito.

Como foco desta pesquisa que se propôs a analisar a participação das crianças ou não nos espaços de educação infantil, conclui que a participação das crianças nesses espaços tem sido negado, e as decisões ainda está centrada no adulto.

Pois as reflexões abordadas na terceira seção, revelam que a participação das crianças no momento da acolhida, ainda apresenta-se no campo muito abstrato, e não se realiza de forma efetiva na prática. No ensaio para o exercício da participação, com a intencionalidade de diversificar esse momento (proposto no projeto de intervenção) neste percebemos em alguns momentos a participação, no entanto, as decisões ainda estão centradas no adulto. Uma participação muito superficial, diante do que se deseja por participação. Porque a criança participar deve se fazer presente desde a elaboração das atividades até a culminância dos mesmos, uma vez que estas atividades são organizadas para elas.

O processo de construção desse trabalho apresentou-se como sendo um momento de aprendizagens contínuas, desmitificando velhas ideias sobre participação, para a reconstrução de outras ideias.

Diante dessas proposições, me fez pensar sobre a importância da inserção do estudante no campo. Onde o estágio exerce um papel fundamental para a formação docente. Nos cursos de licenciaturas, esse momento apresenta-se como uma preparação para os alunos e é fundamental para a apreensão e condução de suas práticas enquanto professor. O estágio é o momento de encontro entre as aprendizagens obtidas no curso, reveladas na prática.

Os encontros e desencontros que se apresenta aos alunos durante o estágio são grandes. A relação teoria e prática muitas vezes parece distante. Porém quando refletimos sobre uma dada realidade, percebe-se que a teoria orienta a refletir sobre a prática, uma complementa a outra. A utilização da teoria como base para as reflexões, enriquece o conhecimento científico do aluno, este conhecimento adquirido revelam-se nas ações.

Para além das reflexões em torno do processo de participação das crianças no momento da acolhida. Destaco a contribuição do estágio na formação do professor, contudo, esta contribuição não se dá meramente pela inserção do estudante no campo de atuação, mas pela via do exercício da reflexão sobre os fazeres presentes na prática docente e cotidiana. Uma vez que a reflexão permite ao estudante o confronto entre as teorias estudadas com as práticas vivenciadas pelo professor com as crianças. E esse confronto permite o diálogo do profissional com o seu campo de atuação.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Kátia Adair. **Formas de participação das crianças na Educação**. Tese de doutorado. 2010.
- AGOSTINHO, Kátia Adair. **O Espaço da creche: que lugar é este?** Dissertação (mestrado em educação) \_\_\_\_\_ Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- ALFAGEME, Erika; CANTOS, Raquel; MARTINEZ, Marta, **De la participación al protagonismo infantil**. Madri.30 de abril de 2003. capítulo 3-a participación infantil p.35-45.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. Primeira edição, 1981, 8ª edição, 1990. Editora Brasiliense. São Paulo-SP
- COUTINHO, Ângela. **S.A experiência de ser bebê na creche: o ator social e a constituição da docência**. revistahumanidades e inovação. V4.n-1-2017.
- CHIZZOTTI, Antônio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios**. Revista portuguesa de educação. 2003. 16(2), p.221-236
- GALARDINI, Ana Lia. **Participación**. Temas de infância: num.39 desta edição; octaedro, S.L. Bailén. Barcelona. 2017.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MELO, Suely. A. **Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural**. Florianópolis, V.25, n.1, 83-104, jan./jun. 2007.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. **O Espaço e o tempo na Pedagogia-em-Participação**. Porto Editora. Coleção infância 16. Serie Infâncias, contextos, diversidades. Junho. 2011.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia, KISHIMOTO, T, PINAZZA, M. **Pedagogia (s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação**. (P 13-36), São Paulo. 2007.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágio**. Papirus Editora, 2000.
- PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções**. Revista *poíesis*– volume 3, P.5-24. São Paulo.
- SARMENTO, M.J., Soares, N.F, Tomás, C (2004), “Participação Social e Cidadania Ativa das Crianças”. Comunicação apresentada no *Fórum Paulo Freire*, Setembro. Porto

THIOLLENT, Michel. 1947. **Metodologia da pesquisa-ação**. 7ª edição. Editora São Paulo: Cortez,1996

VIEIRA, Ana Lúcia de morais, Autoridade e autonomia: uma relação entre a criança e a família no contexto infantil, **Revista Ibero americana de Educación**, São Paulo-2009

WEFFORT, Madalena Freire et. Al. **Educando o olhar da observação**. In:WEFFORT, Madalena Freire et. Al. Observação, registro, reflexão. São Paulo, Espaço Pedagógico, 1997.p.10-36.